

A MEDIAÇÃO DOCENTE: O VÍNCULO NECESSÁRIO PARA APRENDIZAGENS E SUPERAÇÃO DE DIFICULDADES

TEACHING MEDIATION: THE NECESSARY LINK TO LEARNING AND OVERCOMING DIFFICULTIES

Sônia Ferreira de Jesús¹
Maria Irene Miranda²

Resumo: Este estudo é parte dos resultados de uma pesquisa de Mestrado sobre dificuldades de aprendizagem e escolares no ensino médio técnico de uma escola pública federal. Justifica-se o estudo por verificar no ensino Médio uma quantidade significativa de estudantes que apresentam insucesso escolar, reprovações e evasão escolar. A pesquisa se pautou em uma perspectiva psicopedagógica em que várias dimensões foram pontos de análises, como a família, a escola, os profissionais que compõem a instituição e os próprios sujeitos em aprendizagem. Portanto, participaram da investigação, professores, pais, alunos e equipe escolar. Foram utilizados como instrumentos, a entrevista semiestruturada e técnicas projetivas psicopedagógicas, como o “Par Educativo” e a “Família Educativa”. Por meio da explanação desse recorte da pesquisa, que trata dos resultados referentes à aplicação da técnica projetiva o “Par Educativo” pretende-se mostrar que os protagonistas do contexto escolar são responsáveis pelo sucesso ou fracasso na aprendizagem. Neste caso, foi abordada a mediação docente como um aspecto fundamental para reduzir dificuldades e propiciar a construção dos conhecimentos pelos educandos. Para explicar sobre a mediação docente foram utilizados embasamentos teóricos dos autores Altenfelder (2015), Bulgraen (2010), Gasparin (2012), Junckes (2016), Meier (2004), Libâneo (1994), Vasconcelos (1992), Vygotsky (1991) e outros. O objetivo então é clarificar a respeito da imprescindibilidade de ações mediadas pelos professores no cotidiano educativo, no sentido de que ensinar não é somente transferir conhecimentos, mas construir com os educandos os saberes das diversas áreas, por meio das relações construídas e dos métodos utilizados no ensino. Foi possível concluir que os estudantes valorizam os momentos de mediação docente nas dificuldades de aprendizagem ou escolares, depositando na figura docente a confiabilidade de que os contratempos podem ser vencidos, por meio da concretização de orientações no ensino dos conteúdos escolares. A aprendizagem, portanto, efetiva-se quando o ensino é concretizado pela intermediação dos conteúdos utilizando-se de metodologias diferenciadas e ativas e de relações bem sucedidas entre professores e alunos.

Palavras-chave: Professores. Mediação. Relações. Metodologias. Ensino e aprendizagem.

Abstract: This paper takes part of the results of a Mastership research on learning difficulties carried out in a public technic federal High School. It is justified the study to verify in the Middle School a significant amount of students that present / display school failure, disapprovals and school dropout. The research was based on a psychoeducational perspective in which several dimensions were analyzed, such as family, school, institutional education team and the learning

¹Mestre em Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. soniaferreiradejesus@gmail.com.

²Doutora em Educação. Universidade Federal de Uberlândia. mirenemufu@gmail.com.

subjects themselves. Therefore, we investigated teachers, parents, students and school team. We used as instruments semi structured interview and projective psychoeducational techniques such as “Educative Pair” and “Educative Family”. Through the explanation of this research crop, we intended to show that protagonists of the school context are responsible for success or failure in learning and we pointed out teacher mediation as a basic aspect to reduce difficulties and encourage the construction of knowledge by students. In order to explain about the teacher mediation, the authors' theoretical bases were used Altenfelder (2015), Gasparin (2012), Junckes (2016), Meier (2004), Libâneo (1994), Vasconcelos (1992), Vygotsky (1991) and others. The objective is to clarify about the indispensability of teacher-mediated actions in daily education, in the sense that teaching is not only transferring knowledge, but also building with the learners the knowledge of the different areas, through built relationships and methods used in teaching. It was possible to conclude that the students value the moments of teacher mediation in the difficulties of learning or school, depositing in the teaching figure the reliability that the setbacks can be overcome, through the accomplishment of guidelines in the teaching of the school contents. Learning, therefore, is effective when teaching is accomplished through the intermediation of content using differentiated and active methodologies and successful relationships between teachers and students.

Keywords: Teachers. Mediation. Relations. Methodologies. Teaching and learning.

1 INTRODUÇÃO

Este texto apresenta um recorte dos resultados obtidos em pesquisa do Mestrado em Educação a qual analisou os fatores relacionados às dificuldades de aprendizagem e escolares no Ensino Médio, mais especificamente em Cursos Técnicos Integrados Integrais de uma escola pública federal de ensino. Para tanto foi realizado um estudo de caso com abordagem qualitativa, utilizando-se da perspectiva psicopedagógica. Justifica-se o estudo por verificar no ensino Médio uma quantidade significativa de estudantes que apresentam insucesso escolar, reprovações e evasão escolar, trazendo certa inquietação e um movimento investigativo com fins de verificar os elementos que desencadeiam tal situação.

A pesquisa se pautou na abordagem psicopedagógica no entendimento de que as bases da psicopedagogia aplicadas à escola são contributivas; são impregnadas de elementos que beneficiam os integrantes das instituições no intuito de redefinir práticas educativas. Abordar a Psicopedagogia significa trazer a tona um dos caminhos para entender a aprendizagem e as dificuldades que possam surgir no decorrer desse processo.

Propor o pensamento psicopedagógico sistêmico no entendimento das questões educativas, na família e na escola, é possibilitar uma visão mais ampla entre o ensinar e o aprender na compreensão do quando, onde e como acontece. Seria possibilitar aos alunos, crianças e adolescentes, membros de uma família, assimilarem os conhecimentos que vão adquirindo em seus contextos culturais, reunindo-os, religando-os, em novas bases de saber (MUNHOZ, 2004, p. 175).

Nessa perspectiva, a psicopedagogia, vem para obtenção de uma visão mais integradora da aprendizagem humana. Com base nos aportes psicopedagógicos é possível desenvolver, mais profundamente, uma análise da relação entre a ação mediadora docente e o desenvolvimento do ensino e aprendizagem, tendo em vista a preparação que esses conhecimentos proporcionam.

Bossa (2009) traça argumentos sobre a especificidade da Psicopedagogia:

A Psicopedagogia se ocupa da aprendizagem humana, que adveio de uma demanda – o problema de aprendizagem, colocado em um território pouco explorado [...] e evolui devido à existência de recursos, ainda que embrionários, para atender essa demanda, constituindo-se, assim, em uma prática. Como se preocupa com o *problema de aprendizagem*, deve ocupar-se inicialmente *do processo de aprendizagem*. Portanto [...] a Psicopedagogia estuda as características de aprendizagem humana: como se aprende, como essa aprendizagem varia evolutivamente e está condicionada por vários fatores, como se produzem as alterações na aprendizagem, como reconhecê-las, tratá-las e preveni-las (BOSSA, 2009, p. 21, grifo do autor).

A Psicopedagogia, então, é uma área com o objetivo de “[...] compreender, estudar e pesquisar a aprendizagem nos aspectos relacionados com o desenvolvimento e ou problema de aprendizagem” (RUBINSTEIN, 1996, p. 127).

A metodologia da pesquisa se pautou em pesquisas bibliográficas e pesquisa de campo. Quanto aos instrumentos de recolha de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e técnicas projetivas psicopedagógicas. Os participantes foram mencionados por nomes fictícios.

Foi utilizada a entrevista semiestruturada, que, de acordo com Triviños (1987), é uma entrevista que parte de questionamentos, apoiados em teorias e hipóteses em que a partir da resposta do informante, o entrevistador se depara com novas interrogativas e hipóteses sobre o assunto.

Ao falar das técnicas projetivas psicopedagógicas, vale dizer que a análise da aprendizagem na perspectiva psicopedagógica requer uma busca dos desencadeantes das queixas de dificuldades. Para tanto, foi possível fazer o uso de técnicas projetivas, importantes aliadas no processo investigativo de natureza qualitativa na esfera educacional, com a finalidade de identificar as expectativas dos estudantes em relação às aprendizagens, em ambientes internos e externos à escola.

Visca (2013) explica a designação do nome técnicas expondo sua origem advinda do termo “provas” que consistem em expressar o modo pessoal e a personalidade do sujeito. Quanto ao termo “projetivas”, originou da palavra projeção, utilizada na Psicologia e que significa operação de algo do sujeito para o objeto.

Na aplicação das técnicas projetivas, o sujeito expressa por meio de testes gráficos, pensamentos, posturas, regularidades de comportamentos, etc. Paín (1985) aponta os benefícios do uso de provas projetivas para examinar a eficácia ou limitações dos recursos cognitivos empregados pelo sujeito na organização de suas emoções ao fazer grafismos e relatos solicitados. Assim diz que “[...] o exame das provas projetivas permitirá, em geral, avaliar a capacidade do pensamento para construir, no relato ou no desenho, uma organização suficientemente coerente e harmoniosa como para veicular a emoção [...]” (PAÍN, 1985, p. 61).

Deste modo, o “Par Educativo” também chamado de dupla educativa é realizado para verificar os vínculos que os sujeitos estabelecem em se tratando da aprendizagem na escola, com seus professores (WEISS, 2012). E por meio da “Família Educativa” é possível perceber o nível de interação familiar, no que diz respeito às aprendizagens desses estudantes (VISCA, 2013).

Na investigação, recorreu-se a análise de conteúdo, a partir dos dados recolhidos. Expressam Ludke e André (1986) que a análise de conteúdo permite fazer a classificação dos dados, por codificação, utilizando unidades de análise, por meio de palavras, expressões ou temas/temáticas com mais frequência nas falas e nos escritos, permitindo assim uma organização do estudo por categorias de análise. Feito isso, chegou-se a três categorias: “os fatores desencadeantes da aprendizagem e dificuldades no aprender e baixo rendimento escolar” que se desdobrou em seis subcategorias: “a mediação do professor”, “metodologia do professor”, “questões emocionais do aluno”, “falta de acolhimento ao aluno”, “configuração/organização do ensino médio técnico”, “defasagem do ensino fundamental/falta hábito de estudo”; as outras categorias foram “a estrutura física da instituição e o trabalho da equipe escolar”; e “a família e o acompanhamento estudantil dos filhos/alunos”.

Os participantes da pesquisa foram estudantes, pais, professores e componentes da equipe escolar os quais participaram do instrumento de investigação a entrevista semiestruturada. Ademais, foram aplicadas aos alunos as técnicas projetivas psicopedagógicas, já mencionadas, o “Par Educativo” e a “Família Educativa”, como um complemento na construção de

dados, pois os adolescentes falam pouco de suas vidas estudantis, e as técnicas, por meio do desenho, colaboraram para emergir falas espontâneas, antes não ditas no momento das entrevistas.

O objetivo desse texto é abordar uma das subcategorias “a mediação do professor”. Para tanto foram utilizados embasamentos teóricos dos autores Altenfelder (2015), Bulgraen (2010), Gasparin (2012), Junckes (2016), Meier (2004), Libâneo (1994), Vasconcelos (1992) Vygotsky (1991) e outros. A exposição, portanto, está focando os resultados obtidos por meio da pesquisa bibliográfica e da aplicação da técnica projetiva “Par educativo”. Destarte esse recorte da pesquisa traz as considerações feitas pelos estudantes; não menciona as concepções dos outros participantes da pesquisa sobre a mediação docente, já que eles não se posicionaram sobre esse assunto, especificamente. A finalidade então é explanar sobre a imprescindibilidade de ações mediadas pelo professor, nas relações construídas e nos métodos utilizados para o ensino dos conhecimentos das diversas áreas.

Através da técnica projetiva psicopedagógica, “Par Educativo”, foi possível traçar as concepções dos educandos sobre as mediações do ensino e aprendizagem no cotidiano escolar. O par educativo foi aplicado a seis educandos e quatro deles figuraram orientações do professor em situações de dificuldades para aprender os conteúdos escolares. A técnica consistiu em solicitar ao aluno que desenhassem uma pessoa que ensina e uma pessoa que aprende. O aluno não foi induzido a reproduzir situações escolares, mas todos fizeram imagens de professores como *ensinantes* e alunos como *aprendentes*. A análise do desenho não se deteve a traços e sim nas interlocuções que as produções fizeram surgir.

Pela abordagem, este estudo é relevante por tratar de questões relacionadas ao ensino e aprendizagem no Ensino Médio, nível em que necessita de pesquisas para o clareamento de situações de fracassos escolares existentes nesta etapa. Falar da mediação docente então implica em ensinamentos para educadores compreenderem as facetas no âmbito do ensino e trilharem práticas renovadoras nos cotidianos escolares, de modo que corroborem para que o aluno tenha sucesso no seu aprender. Ao discutir sobre

a mediação trazendo as concepções de estudantes sobre momentos em que necessitaram desse apoio para aprender, afirma-se a importância de se ampliar o debate dessa temática no âmbito educacional.

2 A MEDIAÇÃO DOCENTE

No contexto escolar, as dificuldades e o baixo rendimento provêm de inúmeros fatores, e as causas podem concentrar-se no aluno, no professor ou na própria instituição. Nisso se considera que a mediação do professor é importante para promover a aprendizagem e reduzir as dificuldades existentes e, assim, melhorar o desempenho escolar dos educandos.

A mediação docente pode ocorrer nas relações construídas nos contextos educacionais ou mesmo se efetivar nos processos metodológicos utilizados na ministração dos conteúdos escolares. Nas duas situações, o importante é a ocorrência de um trabalho pedagógico que vise à superação de lacunas e deficiências impregnadas em práticas de ensino que tem dificultado o aluno de aprender significativamente.

2.1 A mediação docente nos processos relacionais

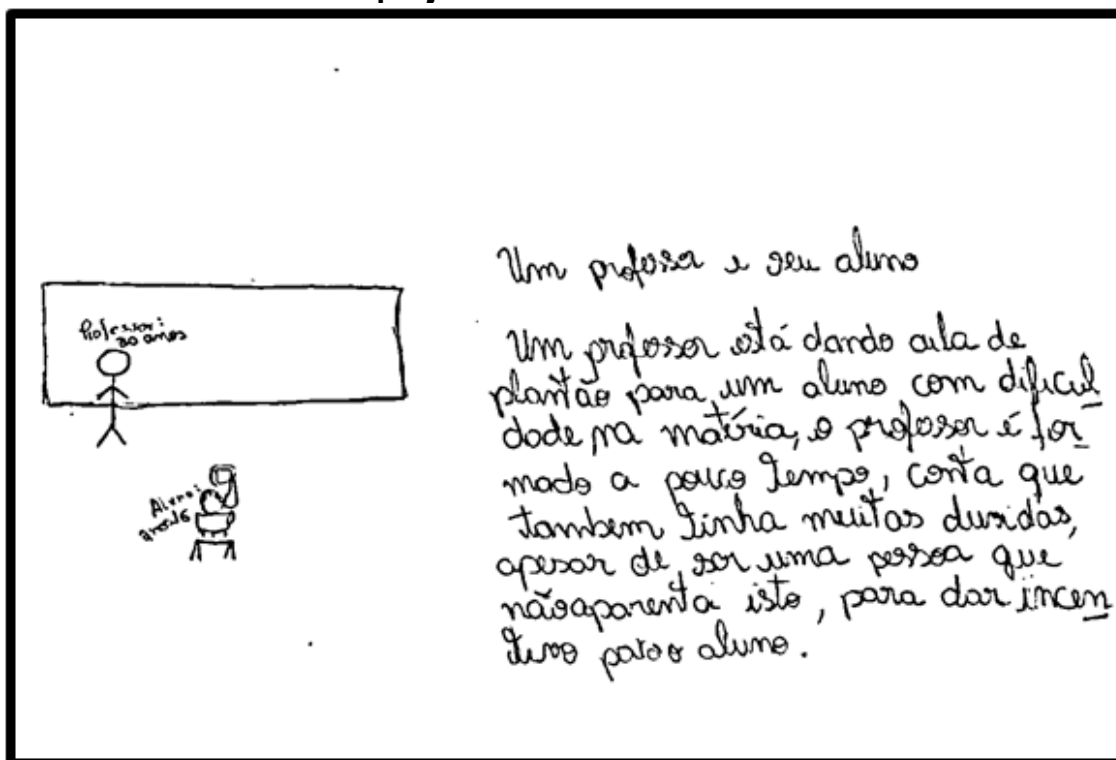
As relações entre professores e alunos são propulsoras de aprendizagens; pode ocorrer de estudantes terem embaraços para apreenderem os conteúdos quando as relações não são bem construídas; o aluno às vezes não aprende, porque não gosta do professor, ou não aprende, porque não gosta da disciplina escolar.

Considera-se que as características contextuais e relacionais, sobre as quais se constrói o processo ensino-aprendizagem, são cruciais para que se possam criar situações pedagógicas bem-sucedidas. Um aspecto [...] de relevância, portanto, é a forma como são propostas e organizadas as atividades e as relações estabelecidas pelos participantes das situações em que o ensinar e o aprender deve acontecer [...] (TACCA, 2006, p.67).

Posto isso, afirma-se que práticas pedagógicas bem sucedidas mudam situações de dificuldades de aprendizagem. Neste estudo, foram escolhidos

três dos desenhos realizados pelos alunos, para exemplificar que os estudantes demonstram a importância da mediação para as aprendizagens e redução de dificuldades no aprender. Um desses é a construção do aluno Crisântemo (desenho 1); sua imagem representa uma aula, diferente da convencional em que todos os alunos aprendem juntos.

DESENHO1 - Produção do aluno Crisântemo durante aplicação da técnica projetiva “Par Educativo”



Fonte: Técnica projetiva realizada em campo de pesquisa

O estudante Crisântemo referenciou um momento a parte, as aulas de plantão de atendimentos, em que os estudantes têm a oportunidade de sanar suas dúvidas nos conteúdos escolares. Neste sentido afirma-se que o alunado procura esses meios para aprender o que não foi possível no processo coletivo de ensino e aprendizagem. Além disso, em seu relato escrito, expõe sobre os incentivos prestados pelo docente, algo percebido como positivo: “um professor está dando aula de plantão para um aluno com dificuldade na matéria, o professor é formado a pouco tempo, conta que também tinha muitas dúvidas, apesar de ser uma pessoa que não aparenta isto, para dar incentivos para o aluno”. Neste sentido o docente é tomado como mediador na construção do

conhecimento, de modo a contribuir para redução das dificuldades que os estudantes venham a apresentar; aquele que oferece seus atendimentos como o suporte necessário ao educando, e mais, o incentivando a obter suas conquistas no aprendizado. Conclui-se que o educador figurado pelo aluno não é apenas um transmissor de conhecimentos, que ministra a aula, repassa o conteúdo e não se sensibiliza com aqueles educandos que não conseguem ir adiante; pelo contrário, ele se demonstra como um mediador que se preocupa com os sujeitos em aprendizagem. Como diz Freire (2002, p.12) “[...] ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua construção”. (grifo do autor).

Freire ainda complementa que,

Ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção de condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, investigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes (FREIRE, 2002, p. 13, grifo do autor).

Junckes (2013) fala dos educadores que tem o posicionamento atencioso:

O olhar do professor para o seu aluno é indispensável para a construção e o sucesso da sua aprendizagem. Isto inclui dar garantia as suas ideias, valorizar sugestões, analisar, acompanhar seu desenvolvimento e demonstrar acessibilidade, disponibilizando diferentes conversas. É preciso ter clareza de que cada aluno é diferente um do outro, com diferentes retornos da aprendizagem. Cabe aos professores verem como eles se desenvolvem, dentro de seus limites, mas sempre motivando e estimulando-os com mediação e propostas pedagógicas diferenciadas, que despertem a curiosidade e interesse [...] (JUNCKES, 2013, p.5).

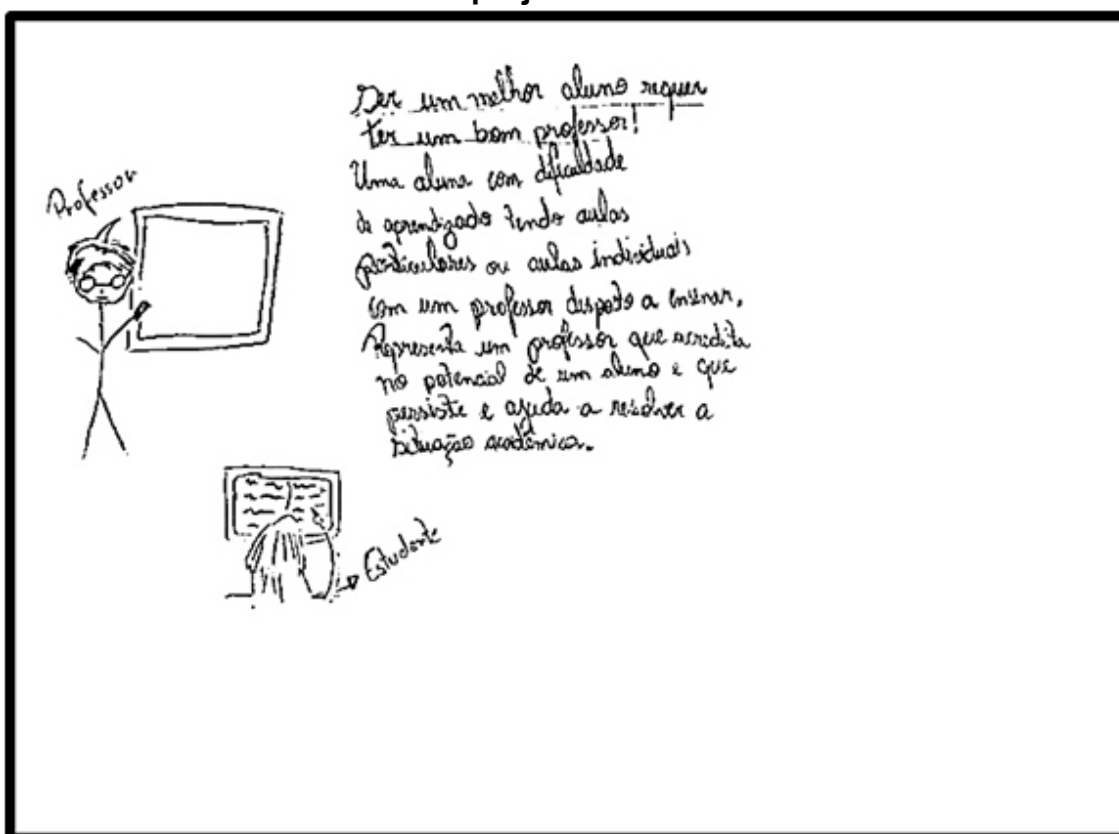
A aluna Rosa projetou em sua imagem (Desenho2) uma situação de aula individual, particular, uma mediação para sanar suas dificuldades de aprendizagem.

Sua ânsia em resolver seus contratemplos referentes aos estudos induz à aluna Rosa a uma representação icônica de sua realidade vivida e de seus desejos de aprender, mesmo que seja em uma aula à parte. No relato escrito, a aluna descreve a disposição do professor ao ensinar, aquele que acredita no potencial do aluno e insiste na sua aprendizagem: “Uma aluna com dificuldade

de aprendizado tendo aulas particulares ou aulas individuais com um professor disposto a ensinar; representa um professor que acredita no potencial de um aluno e que persiste e ajuda a resolver a situação acadêmica”. A persistência do docente significa não desistir do aluno que apresenta dificuldades no aprender e a acreditar em seu potencial para o sucesso escolar.

O processo de ensinar e o de aprender requer a integração de todos esses tipos de relações e, para isso, é necessário o papel ativo do aluno em seu próprio desenvolvimento e o apoio ativo e mediador do professorado e de outros atores sociais na organização de atividades e tarefas (IMBERNÓN, 2012, p. 208).

DESENHO 1 Produção da Aluna Rosa durante aplicação da técnica projetiva “Par Educativo”



Fonte: Técnica projetiva realizada em campo de pesquisa

A aluna Rosa representou uma discente ativa, ao procurar o professor para sanar suas dúvidas com aulas extraclasse e o professor, do mesmo modo, colaborou ativamente ao persistir na aprendizagem.

A partir do recorte dos questionamentos em relação ao desenho, infere-se que a aluna Rosa situa o professor como um *ensinante* mediador, que

considera as experiências do aluno e pode aprender com o mesmo: “O professor ensina o que ele sabe, e o aluno, que às vezes tem uma experiência [...] o professor aprende alguma coisa com ele”. As palavras da aluna fazem lembrar o dito por Freire (2002):

[...] embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos [...]. Não há docência sem discência. [...]. Quem ensina aprende ao ensinar, quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2002, p. 25).

Assim, nessas relações interativas de ensinar e de aprender, o conhecimento é construído por ambos, alunos e professores. Os docentes medeiam à formação dos alunos, atuando, não como transmissores de informações, mas como orientadores das aprendizagens, construtores de conhecimentos, em um compartilhamento de saberes com seus educandos, ajudando-os a conquistar os valores, habilidades e competências necessárias para atuarem no seu cotidiano. Dessa maneira, colabora para o crescimento e para o desenvolvimento dos educandos.

A qualidade da mediação é fundamental para que o aluno possa aprender e se desenvolver. É preciso considerar os aspectos cognitivos, culturais, políticos e afetivos, pois o professor é um ser histórico e sua ação não é neutra. A mediação revela os conhecimentos, as possibilidades, mas também os limites que a condição social, profissional e pessoal determina. A relação do homem com o mundo não é mecânica, mas mediatizada pelas atividades; e assim, a mediação não se perfaz somente nos aspectos cognitivos, mas também afetivos. Os vínculos estabelecidos entre professores e alunos contribuem para as conexões entre sujeito e objeto de conhecimento, pois alavancam a motivação e disposição do aluno em realizar as atividades propostas em sala de aula. O professor organiza sua didática para melhor envolver seus alunos na aprendizagem, colaborando para que os mesmos sejam capazes de analisar criticamente a realidade. Ademais, por meio de uma postura atenciosa vislumbra possíveis dificuldades que possam surgir e movimenta ações de modo a desenvolver as conquistas e sucessos na escola (ALTENFELDER, 2015).

Nessa vertente, Souza Neto (2004) afirma que:

A aprendizagem ocorre pela interação de aspectos biológicos, culturais e emocionais, com suas variáveis sociais, espirituais, econômicas e afetivas. Ela forma o indivíduo para a sociedade e esta para o indivíduo. Aprender significa contatar, apreender, interpretar, interagir, apropriar-se e transformar o cotidiano e a história, recebendo e atribuindo-lhes diferentes sentidos (SOUZA NETO, 2004, p. 37).

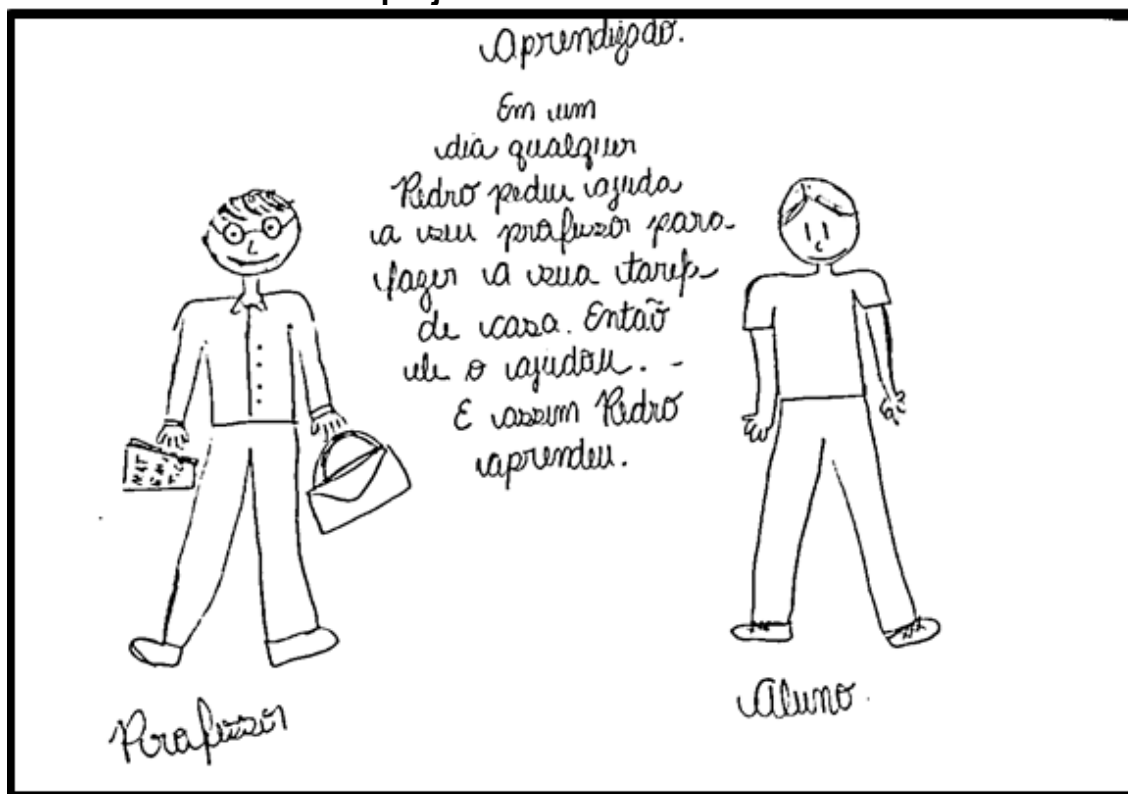
Sejam nas tarefas em sala de aula, ou aquelas a serem realizadas extraclases, as orientações pedagógicas contribuem para o aprender satisfatório e mais seguro. O estudante, por vezes, sente-se mais confiabilidade no desenvolvimento das atividades escolares, quando o professor lhe dá o apoio diretamente, ou quando necessário efetiva-o de modo individual.

Ao observar a produção (desenho 3) e o relato da aluna Margarida, conclui-se que a mediação docente, no que se refere a tarefa, foi muito importante para a concretização da aprendizagem: “Em um dia qualquer Pedro pediu ajuda a seu professor para fazer a sua tarefa de casa, então ele ajudou e assim Pedro aprendeu”. Margarida fez em seu desenho uma solicitação de ajuda do *aprendente* ao *ensinante* nas tarefas escolares; assim, argumenta-se que a estudante vê na figura do professor um importante auxílio para o ensino.

Ressalta-se que a mediação docente é propiciadora de construção de significados pelos alunos. O professor colabora com o sujeito *aprendente* e lhe ajuda diariamente a compreender os objetos ao seu redor, e essas práticas precisam ocorrer de forma aprazível; assim como diz Libâneo (1994, p. 95), uma das qualidades mais importantes dos educadores, docentes, é a de saber lançar pontes, ou seja, “ligações entre as tarefas escolares e as condições prévias dos alunos” de maneira que as dificuldades sejam vistas como desafios a serem superados.

Meier (2004) baseado na teoria da Modificabilidade Estrutural Cognitiva (FEUERSTEIN; KLEIN; TANNENBAUM, 1994), explana doze características que faz do professor um mediador, chamadas também de critérios, em que quatro delas são universais - a intencionalidade e reciprocidade; a transcendência; a mediação do significado; e da consciência da modificabilidade.

DESENHO 3 - Produção da aluna Margarida durante aplicação da técnica projetiva “Par Educativo”



Fonte: Técnica projetiva realizada em campo de pesquisa

Mas, para uma mediação ainda mais eficaz, de melhor qualidade, (MEIER, 2004) aponta a necessidade de outros critérios presentes - mediação do controle do comportamento; do comportamento de compartilhar; da individuação e diferenciação psicológica; da busca, planejamento e alcance dos objetivos; da busca da adaptação a situações novas e complexas; da alternativa positiva; do sentimento de pertença; do sentimento de competência. Ademais fala em sua pesquisa sobre o professor mediador na ótica dos alunos do ensino médio e chegou à conclusão que os estudantes evidenciam como características mais frequentes, apenas duas das citadas - a mediação da intencionalidade e da reciprocidade e a mediação da consciência da modificabilidade. Além do dito, o autor argumentou que os alunos valorizam mais em seus professores as ações relativas à interação professor-aluno do que aquelas relativas aos conteúdos; eles apontam como importante, o professor ser amigo e ter um bom relacionamento com os estudantes.

Posto isto, para que advenha a aprendizagem, devem existir condições propícias, principalmente no que se refere às boas relações entre professores e alunos. Um clima relacional de modo a incrementar um potencial educativo com confiança mútua, orientações positivas, consenso das metas. Uma orientação afirmativa busca destacar os aspectos positivos em detrimento aos negativos, e o professor pode estabelecer pontos de colaboração e intervir da melhor maneira.

É importante destacar que o sujeito se desenvolve nas relações com os outros, através de suas experiências em contato com o mundo. Assim a transmissão de aquisições humanas se perfaz pelos processos sociais, numa determinada cultura. Há coisas que os sujeitos já conseguem fazer sozinhos, há outras que precisam de ajuda no realizar. É exatamente esta ajuda que o professor proporciona ao aluno na resolução de problemas que não conseguiria efetivar sozinho. O papel dos professores é significativo no processo educativo, ele transmite o conhecimento acumulado, ajudando os educandos a analisar criticamente o objeto a ser conhecido. O professor deve então partir da realidade de seus alunos, e daquilo que eles necessitam, para que concretize a mediação; ele constitui-se como intermediário, ao organizar a relação do aluno com os objetos do conhecimento, de maneira a viabilizar o processo de aprendizagem (ALTENFELDER, 2015).

Vygotsky (1991) fala a respeito da aprendizagem mediada e enfatiza a importância da interação entre sujeito e objeto para o desenvolvimento dos processos mentais. O autor ressalta sobre os elementos mediadores que são os instrumentos utilizados para ampliar as possibilidades de transformação do mundo pelo sujeito. Neste sentido, os signos tem relevância. Os signos representados pela linguagem, a escrita e o sistema numérico fazem parte do sistema simbólico, criados culturalmente, que colaboram efetivamente para haver as transformações no desenvolvimento. Os signos funcionam como mediadores para a ocorrência da aprendizagem.

A abordagem vygotskiana enfatiza uma interação dialética entre o ser humano desde seu nascimento com o meio social e cultural a que pertence. Assim, as trocas efetivadas pelo sujeito com o meio durante sua vida, lhe

proporcionam a aprendizagem e, por conseguinte o desenvolvimento. São nas atividades práticas diárias, por meio das interações, que as funções psíquicas se desenvolvem. Essa relação com o meio social e cultural se estabelece através da mediação dos signos. Assim advém o conhecimento do mundo e de tudo que cerceia o sujeito.

Grassi (2009) também faz colocações sobre as ideias Vygotskianas expondo sobre as relações sociais como papel determinante para o desenvolvimento e aprendizagem, onde o indivíduo se desenvolve em contato com o meio social, mediante a linguagem. Neste caso, as funções psicológicas superiores como a consciência, o pensamento, a linguagem, e outras se desenvolvem através do processo de aprendizagem. Um ponto determinante é a zona de desenvolvimento proximal, que é aquela distância entre o que o sujeito consegue fazer sozinho e o que ele consegue fazer com a ajuda de um adulto, de um mediador. Nesta concepção, o social é muito enfatizado, pois o sujeito se desenvolve nas interações com os outros, dentro de uma cultura.

Existe um percurso de desenvolvimento, em parte definido pelo processo de maturação individual, pertencente à espécie humana, mas é o aprendizado que possibilita o despertar de processos internos de desenvolvimento que, não fosse o contato do indivíduo com certo ambiente cultural, não ocorreriam (OLIVERIA, 1997, p. 56).

Oliveira (1997), ademais, com embasamentos Vygotskianos, fala a respeito das relações entre desenvolvimento e aprendizagem e enseja que um sujeito ao realizar tarefas de forma independente está dentro da zona de desenvolvimento real, uma etapa já alcançada pelo indivíduo, e seu desenvolvimento já está consolidado; mas quando ele realiza atividades precisando da ajuda de um adulto, por meio de instruções e assistência, ele está no nível de desenvolvimento potencial, um momento de desenvolvimento muito importante, significando uma etapa posterior, onde a interferência de outras pessoas afeta, e muito, a ação individual.

Vygotsky (1991) explica sobre os dois níveis de desenvolvimento. “O primeiro nível [...] chamado de nível de desenvolvimento real, [...] nível de desenvolvimento das funções mentais da criança que se estabeleceram como resultado de certos ciclos de desenvolvimento já completados”

(VYGOTSKY,1991, p. 57); o real portanto, abrange aquilo que o sujeito já consegue fazer sozinho, ou seja, já aprendeu. Quando se fala naquilo que o sujeito é capaz de aprender com a ajuda de outra pessoa (um adulto), indica o nível de desenvolvimento potencial. O professor então atua na intervenção, movimentando as interações sociais, do sujeito com os outros e com o mundo dos objetos. Assim, ele age na zona de desenvolvimento proximal.

Vygotsky (1991) enseja que,

A zona de desenvolvimento proximal provê psicólogos e educadores de um instrumento através do qual se pode entender o curso interno do desenvolvimento. Usando esse método podemos dar conta não somente dos ciclos e processos de maturação que já foram completados, como também daqueles processos que estão em estado de formação, ou seja, que estão apenas começando a amadurecer e a se desenvolver. [...] a zona de desenvolvimento proximal permite-nos delinear o futuro imediato da criança e seu estado dinâmico de desenvolvimento, propiciando o acesso não somente ao que já foi atingido através do desenvolvimento, como também àquilo que está em processo de maturação (VYGOTSKY,1991, p. 58).

Sob a ótica do interacionismo sócio cultural, Rego (1998) também afirma que,

[...] organismo e meio exercem influência recíproca, portanto o biológico e o social não estão dissociados. Nesta perspectiva, a premissa é de que o homem constitui-se como tal através de suas interações sociais, portanto, é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações produzidas em uma determinada cultura (REGO, 1998, p. 93).

Ao pensar a aprendizagem e dificuldade para aprender, considerando a perspectiva vygotskiana, notadamente destaca-se que a relação do sujeito com seu meio sócio cultural se torna fundamental para a ocorrência das aprendizagens. Nisto insere-se que sem o suporte de outros indivíduos pode haver dificuldades para o sujeito avançar na compreensão do mundo que o rodeia, e conseqüentemente seu desenvolvimento estará comprometido.

Portanto,

A mediação realiza-se de fora para dentro quando o professor, atuando como agente cultural externo, possibilita aos educandos o contato com a realidade científica. Ele atua como mediador, resumindo, valorizando, interpretando a informação a transmitir. Sua ação desenrola-se na zona de desenvolvimento imediato, através da explicitação do conteúdo científico, de perguntas sugestivas, de indicações sobre como o aluno deve iniciar e desenvolver a tarefa, do

diálogo, de experiências vividas juntos, da colaboração. É sempre uma atividade orientada, cuja finalidade é forçar o surgimento de funções ainda não totalmente desenvolvidas (GASPARIN, 2012, p. 104).

O conhecimento é socializado por meio da mediação docente, na qual é indispensável uma adequação pedagógica às características do aluno; a intervenção e o papel do professor na prática educativa se efetiva na articulação dos saberes, sejam eles do senso comum e os científicos, tendo como finalidade propiciar a capacidade de reelaboração para chegar ao conhecimento sistematizado; a ação pedagógica, no processo de ensino, consiste numa prática social a qual é alcançada através de uma ação pedagógica mediadora e problematizadora dos conteúdos das disciplinas escolares (BULGRAEN, 2010). “[...] o professor deve estar ciente de que não basta tratar somente de conteúdos atuais em sala de aula, mas sim, também, resgatar conhecimentos mais amplos e históricos, para que os alunos possam interpretar suas experiências e suas aprendizagens na vida social.” (BULGRAEN, 2010, p. 32).

O professor precisa conhecer a realidade de seus alunos, como vivem e se relacionam com o meio, para haver aproximação, para interferir de modo assertivo no processo educacional. Também precisa conhecer o contexto onde atua, para melhor dinamizar o trabalho de forma mais interessante para o alunado.

Nessa direção, Tunes, Tacca e Bartholo Júnior (2005) falam da mediação pedagógica e diz que a experiência interpessoal possibilita o processo de elaboração e reelaboração de sentidos. O movimento relacional cria inúmeras possibilidades de significação; professores e alunos estão em processo contínuo de criação intersubjetiva de significados que integram histórias de vida, experiências e vivências; muitas vezes as dificuldades dos estudantes existem por manifestarem timidez nas participações coletivas, e a atenção especial provinda do professor, traduz em sucessos educacionais.

O mediador, agindo entre o mediado e o objeto a ser aprendido, promove uma modificação, regulação, adaptação ou adequação dos estímulos, do conceito a ser aprendido, objetivando a aprendizagem. Essa ação de alterar os estímulos, de propiciar a modificação na

forma como serão percebidos, é função do mediador (MEIER, 2004, p. 36).

Cada pessoa, no seu meio cultural e econômico pode e deve viver experiências objetivas ou subjetivas que lhe proporcionem o romper com circunstâncias inerentes ao desconhecimento e se oportunizem adentrar em vínculos de ressignificação de sua história de aprendiz. O contexto objetivo e subjetivo pode se tornar um provocador de grandes aprendizagens, quando composto por sujeitos com projetos de vida interescolares e extraescolares movidos por um prisma de concretização de mudanças.

O sujeito, além de ser receptor, ele constrói e produz o conhecimento, na sua interação com o cotidiano, durante sua história de vida. A subjetividade lhe dá o impulso para aprender a aprender. E esta relação intersubjetiva é a propulsora de um processo de internalização da cultura, da construção da afetividade, que conseqüentemente leva a aprendizagem, produzida na intercomunicação e na inter-relação. Não se aprende somente pela experiência, mas numa relação de confiança. A relação do *ensinante* e *aprendente* deve ser de emancipação. Os educadores, por meio de práticas psicopedagógicas podem ajudar o sujeito a *transfazer* sua história, propiciar uma nova dinâmica no seu processo de aprendizagem, o res-significando, de modo a não se deixar abalar frente às dificuldades e os problemas que a vida lhe coloca (SOUZA NETO, 2004, grifo do autor).

2.2 A mediação docente nos processos metodológicos

Para ser esse mediador, o professor precisa possuir compreensão da realidade com a qual trabalha e comprometimento político; competência no campo teórico de conhecimento em que atua e competência técnico-profissional. Assim, desse interlocutor no ensino e aprendizagem, um dos mestres da educação, exige-se conhecimentos, habilidades e capacidade na realização de seu trabalho docente, no acompanhamento ao aluno de maneira a ajudá-lo a ter condições de convivência na cultura onde está inserido, com todos os condicionantes necessários para essa ocorrência (LUCKESI, 1995).

Nessa direção Mellouki e Gauthier (2004) afirmam:

É nessa tarefa de mediação que se revela o papel de intelectual do professor, papel não só de portador, intérprete e crítico de uma cultura, mas também de produtor e de divulgador de conhecimentos, técnicas e procedimentos pedagógicos, e de agente de socialização, de intérprete e de guardião responsável pela consolidação das regras de conduta e daquelas maneiras de ser valorizadas pela sociedade e pela escola (MELLOUKI; GAUTHIER, 2004, p. 545).

Lembrar-se-á que o professor precisa de condições favoráveis, de recursos e meios para desenvolver sua atividade, incidindo em aprendizagens significativas para o alunado. A prática educativa é objeto essencial da intervenção pedagógica, no entanto não é uma tarefa fácil de ser realizada. Nesse enfoque, a função de assessoramento dos professores deve possuir instrumentos tanto teóricos como técnicos que os ajudem a analisar e entender os processos de ensino e aprendizagem para que tenham capacidade de explorar, projetar e desenvolver propostas e formas mais justas de atuação docente.

O processo de ensino, efetivado pelo trabalho docente, constitui-se de um sistema articulado dos seguintes componentes: objetivos, conteúdos, métodos (incluindo meios e formas organizativas) e condições. O professor dirige esse processo, sob condições concretas das situações didáticas, em cujo desenvolvimento se assegura a assimilação ativa de conhecimentos e habilidades e o desenvolvimento das capacidades cognoscitivas dos alunos (LIBÂNEO, 1994, p. 92).

Mellouki e Gauthier (2004) explicam que as técnicas são maneiras de os educadores desenvolverem seu trabalho, mas o mais significativo é como são utilizadas para gerir conhecimentos:

Embora os professores recorram inevitavelmente a técnicas para ensinar uma determinada noção, planejar um determinado conteúdo, avaliar uma determinada aprendizagem ou gerir uma determinada situação, a técnica nunca vem toda feita nem é como uma fórmula mágica que se possa aplicar na sala de aula para que o ensino e a aprendizagem transcorram perfeitamente. Quaisquer que sejam elas, as técnicas, na realidade, não são mais do que meios por intermédio dos quais o professor tenta colocar os conhecimentos gerais e disciplinares ao alcance dos alunos. Ao fazer isso, ele está agindo como um intérprete, um tradutor e um divulgador (MELLOUKI; GAUTHIER, 2004, p. 545).

Barbosa e Moura (2013) incentivam a revisão de práticas tradicionais de ensino e discutem possibilidades de metodologias ativas na Educação

Profissional, especialmente as metodologias - Aprendizagem Baseada em Problemas e Aprendizagem Baseada em Projetos, que, segundo esses autores, são exemplos típicos de metodologias ativas de aprendizagem. Para os teóricos, a prática de ensino a caminho de aprendizagens ativas favorece ao aluno interagir com as temáticas em estudo, de modo que ele possa ver, perguntar, ouvir, discutir e fazer, diferente dos métodos tradicionais de ensino, em que se tem atitude passiva no aprender. Assim, “[...] o professor atua como orientador, supervisor, facilitador do processo de aprendizagem, e não apenas como fonte única de informação e conhecimento” (BARBOSA; MOURA, 2013, p. 55). As metodologias ativas de aprendizagem são baseadas em problemas em que o ensino se fundamenta no uso contextualizado de uma questão específica para busca de solução com participação ativa do discente; a interação entre professor-aluno é muito mais intensa do que em aulas puramente expositivas, não dialógicas. A metodologia por projetos também evidencia “[...] uma aprendizagem significativa, em contraposição à aprendizagem tradicional do tipo verbal, retórica, livresca, de ênfase teórica e descontextualizada” (BARBOSA; MOURA, 2013, p.61).

É o caso das aulas de laboratório, oficinas, tarefas em grupo, trabalhos em equipe dentro e fora do ambiente escolar, [...] e desenvolvimento de projetos. Essas atividades tendem a ser naturalmente participativas e promovem o envolvimento do aluno no processo de aprendizagem (BARBOSA; MOURA, 2013, p.56).

O professor é quem dirige a escolha dos modos de ensinar, pois sabe que os métodos são eficazes quando estão coordenados com os modos de pensar do aluno; com seu papel, o professor planeja e cria as condições de possibilidade de emergência das potencialidades do aluno; ele não é simplesmente um elo entre o conhecimento e o aluno, e sim juntos, educadores e educandos constroem os conhecimentos.

[...] serão métodos que estimularão as atividades e iniciativas dos alunos sem abrir mão, porém, da iniciativa do professor; favorecendo o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e gradação para efeitos do processo de transmissão-assimilação dos conteúdos cognitivos (SAVIANI, 2007, p.69).

Está imbricada no processo, uma ação conjunta, numa possibilidade de realização de modo partilhado. Nesse sentido é preciso parcerias no espaço de aprendizagem. A par disso,

[...] ganham relevância as ações sociais que permitem aos indivíduos compartilharem a complexa rede de significados socialmente produzidos. Portanto, é na situação interpsicológica que brota o significado da relação pedagógica. Estão aí circunscritas, a um espaço relacional, as ações do professor e do aluno (TUNES; TACCA, BARTHOLO JÚNIOR, 2005, p. 695).

Gasparin (2012) também ressalta sobre as técnicas como elementos do processo de mediação pedagógica e as situam como procedimentos dinâmicos, convencionais ou novas, que possibilitam a aprendizagem significativa e conduz ao desenvolvimento do aluno. O autor cita as novas tecnologias como instrumentos que auxiliam no ensino, na sua forma presencial, física, ou virtual, desde que sejam planejadas integralmente e atenda aos objetivos propostos.

Ao estabelecer uma metodologia dialética, o professor passa a conhecer a realidade do grupo de alunos, seus interesses, necessidades e experiências, esta aberto a aprender, além de ensinar, busca as mediações apropriadas e assegura uma prática pedagógica significativa em que a motivação está intrínseca nesse processo, impregnada nas formas interativas. Assim, o docente agirá como um facilitador de relações e problematizador de situações (VASCONCELOS, 1992).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprendizagem é um processo que vai acontecer se existir das três partes envolvidas, as colaborações necessárias; o *ensinante*, com o apoio pedagógico real e condizente com suas necessidades, o *aprendente* com seus aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos em pleno estado de funcionamento; e o contexto, que envolve a escola e seu aparato estrutural, físico e de pessoal, propício e benéfico ao desenvolvimento geral do estudante.

O estudante conseguirá sucesso escolar mediante a satisfação de necessidades. O sujeito em aprendizagem tem que estar bem fisicamente, psicologicamente, mentalmente e outros. É preciso se ater que o ser humano tem suas peculiaridades e cada um tem a maneira de aprender. A família e os educadores devem primar por boas relações com vistas ao desenvolvimento do educando. São pontos positivos e primordiais para o sucesso nas aprendizagens, deixar o educando manifestar sua autonomia, reconhecer suas habilidades e ser atenciosos com relação as suas construções e ao seu esforço nas tarefas escolares.

É preciso impulsionar uma relação de amor com o conhecimento. Esta relação se constrói à medida que os sujeitos se deixam envolver neste processo. A aprendizagem vai ser bem sucedida quando houver um terreno fértil para isso, um ambiente favorável, em que o *aprendente* se sinta a vontade e aberto a se embrenhar na apreensão e construção de conhecimentos. O aluno tem que ter disposição, tem que ter desejo, tem que querer alcançar o desconhecido. O prazer e o encanto são elementos favoráveis para compreensão das coisas, fenômenos, fatos e essas descobertas devem ser postas como algo gratificante para aquele que está em busca da obtenção de novos saberes. O sujeito vai aprender à medida que ver sentido naquilo que está posto a ele. Sendo assim, o interlocutor dos conhecimentos, o professor, é figura fundamental para que o processo transcorra a caminho de boas aprendizagens nos contextos educacionais.

Ao refletir os desenhos feitos pelos participantes, afirma-se que os estudantes valorizam os momentos de intermediação docente nas dificuldades de aprendizagem ou escolares, depositando na figura docente a confiabilidade de que os contratempos podem ser vencidos, por meio da concretização de orientações no ensino dos conteúdos escolares. A mediação docente se constituiu como um dos pontos positivos que contribuem para o sucesso dos educandos nos conteúdos escolares. Os estudantes, ao apresentar dificuldades, recorrem aos professores para sanar suas dúvidas e, por conseguinte, melhorar a aprendizagem.

Gasparin (2012) diz,

Ao assumir o papel de mediador pedagógico, o professor torna-se provocador, contraditor, facilitador, orientador. Torna-se também unificador do conhecimento cotidiano e científico de seus alunos, assumindo sua responsabilidade social na construção/reconstrução do conhecimento científico das novas gerações, em função da transformação da realidade. O processo de aquisição do conhecimento científico realiza-se através da aprendizagem significativa. Esta envolve não apenas os processos cognitivos dos alunos, mas também suas relações subjetivas e objetivo-sociais de existência, no contexto em que vivem (GASPARIN, 2012, p. 110).

Diante do exposto, para finalizar, é fundamental dizer que o sucesso na aprendizagem, é resultado da inter-relação de vários elementos, dentre eles, o cuidar, o educar e o apoiar os estudantes em sua trajetória escolar; e como já explanado, está intrínseco no trabalho do professor esse papel de vislumbrar essa caminhada juntamente com os sujeitos em aprendizagens, de modo que forneça todas as condições propícias para que os mesmos vivam seu realizar diário estudantil com plenitude. Assim, mediar não é apenas ensinar um conteúdo, é construir junto com o aluno; é mudar uma situação de fracasso na aprendizagem e ver que o aluno progrediu, porque houve uma intervenção pedagógica que transformou uma realidade de insucesso escolar. Mediar é muito mais que ser um *ensinante*, é ser provocador de mudanças nos contextos escolares.

REFERÊNCIAS

ALTENFELDER, Anna Helena. Aspectos constitutivos da mediação docente e seus efeitos no processo de aprendizagem e desenvolvimento. **Construção Psicopedagógica**. São Paulo, v. 23, n.24, 2015. Disponível em<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542015000100006>. Acesso em 01/05/2016.

BARBOSA, Eduardo Fernandes; MOURA, Dácio Guimarães de. Metodologias ativas de aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica. **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v. 39, n.2, p.48-67, maio/ago. 2013.

BOSSA, Nádya Aparecida. **A psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. 2. ed. rev. e aum. Artmed: Porto Alegre, 2009.

BULGRAEN, Vanessa Cristina. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista Conteúdo**. Capivari, v.1,

Revista Mundi Sociais e Humanidades. Curitiba, PR, v. 2, n. 1, 24, jan./jun. 2017

n.4, ago./dez. 2010. Disponível em
<<http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/46/39>>.
Acesso em 10/05/2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 21 ed. São Paulo. Paz e Terra, 2002.

FEUERSTEIN, Reuven; KLEIN, Prina; TANNENBAUM, Abraham. **Mediated Learning Experience (MLE)**: Theoretical, Psychosocial and Learning Implications. 2 ed. London, England: Freund Publishing House, 1994.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5 ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. (Coleção educação contemporânea).

GRASSI, Tânia Mara. **Psicopedagogia**: um olhar uma escuta. Curitiba: IBPEX, 2009.

IMBERNÓN Francisco. Ensinar, aprender e se comunicar no Ensino Médio. In: PUENTES, Roberto Valdés; LONGAREZI, Andréa Maturano; AQUINO, Orlando Fernández (Org.). **Ensino Médio**: estado atual, políticas e formação de professores. Uberlândia: EDUFU, 2012. p. 205- 228.

JUNCKES, Rosani Casanova. A prática docente em sala de aula: mediação pedagógica. In: Simpósio sobre formação de professores, 5, 2013, Tubarão, SC. **Anais...** Tubarão, Ed. da Unisul, 2013. Disponível em
<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/simfop/2013_07.htm>. Acesso em 16 jul. 2016.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1995.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MEIER, Marcos. **O professor mediador na ótica dos alunos do ensino médio**. 2004. 165 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba/PR, 2004. Disponível em
<<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/17419/marcos.PDF;jsessionid=D29BFE0CB681EF60A086A768B1B4B0FD?sequence=1>>. Acesso em 19/06/2016.

MELLOUKI, M'hammed; GAUTHIER, Clermont. O professor e seu mandato de mediador, herdeiro, intérprete e crítico. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 25, n. 87, p. 536-571, maio/ago, 2004. Disponível em
<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87314215011>>. Acesso em 05/04/2016.

- MUNHOZ, Maria Luiza Puglisi. Educação e família numa visão psicopedagógica sistêmica. In: **Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de Oliveira. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- PAIN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Tradução de Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- RUBINSTEIN, Edith. A especificidade do diagnóstico psicopedagógico. In: SISTO, Fermino Fernandes et al.. **Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 41. ed. Revi. Campinas-SP: Autores Associados, 2007. (Coleção Polêmicas do nosso tempo, 5).
- SOUZA NETO, João Clemente de. A influência da aprendizagem no transferir do sujeito. In: SCOZ, Beatriz Judith Lima et al. (org.). **Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- TACCA, Maria Carmen Vilela Rosa. Relações sociais na escola e desenvolvimento da subjetividade. In: SCOZ, Beatriz (org.) et al. **Aprendizagem: tramas do conhecimento, do saber e da subjetividade**. Petrópolis, RJ: Vozes: São Paulo: ABPp, 2006. p. 60-85.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- TUNES, Elizabeth; TACCA, Maria Carmen Vilela Rosa; BARTHOLO JÚNIOR, Roberto dos Santos. O professor e o ato de ensinar. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 35, n. 126, p. 689-698, set./dez. 2005 Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n126/a08n126.pdf>>. Acesso em 15/07/2016.
- WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. 14. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.
- VASCONCELOS, Celso dos S. Metodologia dialética em sala de aula. **Revista de Educação AEC**. Brasília, nº 83, abr. 1992.
- VYGOTSKI, Lev Semenovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VISCA, Jorge. **Técnicas Projetivas Psicopedagógicas e Pautas Gráficas para sua Interpretação**. Compilado por Susana Rozenmacher. 4.ed. Buenos Aires: Visca & Visca, 2013.

Enviado em: 12 out. 2016
Aceito em: 19 abr. 2017

Editor responsável: Alysson Ramos Artuso